



Guia de boas práticas

PREVENÇÃO DE DISCURSOS DE ÓDIO ONLINE ENTRE JOVENS



01

Discursos de ódio online:
Contextualização e prevalência
durante a pandemia em Portugal

Impacto e consequências dos
discursos de ódio contra os/as
jovens

02

03

Prevenção dos discursos de
ódio nas escolas

Discursos de ódio online:
interseccionalidade e Direitos
Humanos

04

05

Princípios pedagógicos e éticos
de intervenção

Recursos

06

2022

María José Magalhães; Margarida Pacheco; Cátia Pontedeira; Camila Iglesias e Olga Souza Cruz

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Projeto Social|HaterS - Discursos de ódio durante a COVID-19: prevalência, dinâmicas e padrões entre jovens.



Discursos de ódio online: contextualização e prevalência durante a pandemia em Portugal

No início do século XXI foram várias as mudanças sociais ao redor do mundo, tanto a nível social, como económico e tecnológico. Com o constante desenvolvimento da internet e com a criação do WiFi, dos smartphones e das redes sociais, houve uma mudança significativa no que concerne às relações sociais entre as pessoas. As redes sociais passaram a ser plataformas de comunicação entre as pessoas.

Com o crescimento da internet e uma utilização cada vez mais precoce, cresceu também o uso das redes sociais e o seu desenvolvimento enquanto plataformas digitais de interação. Nos dias de hoje existem dezenas de redes sociais onde jovens e adultos/as passam horas do seu dia a comunicar com outras pessoas, seja através da partilha de fotos, posts, fóruns, comentários ou através de grupos de interação.

Atualmente, as redes sociais fazem parte do dia a dia da maior parte das pessoas. Estima-se que 4,1 bilhões de pessoas ao redor do mundo têm redes sociais, o que corresponde a cerca de 58,4% da população mundial (Digital 2022, 2022). Em Portugal, 98% dos/as jovens entre os 16 e 19 anos utilizam a internet para aceder às redes sociais (Eurostat, 2019). Cada vez mais as pessoas estão conectadas nas redes sociais e há cada vez mais plataformas digitais, com objetivos específicos e onde a comunicação e interação se faz através de discussão em fóruns, partilha de vídeos e de fotos e conversas com pessoas ao redor do mundo.

O projeto Social|HaterS, que tem como objetivo compreender a prevalência dos discursos de ódio online entre jovens em Portugal durante a pandemia, realizou um questionário online no qual participaram 505 jovens dos 17 aos 21 anos, residentes em Portugal. Dos/as jovens que participaram no estudo, 37% estão conectados/as nas redes sociais entre uma a três horas, 31% estão entre três a seis horas por dia, 14% entre as seis e as 10 horas, 12% até uma hora e 6% todo o dia (Magalhães et al., 2022).



Devido à pandemia e aos sucessivos confinamentos, diversas relações interpessoais foram condicionadas no formato online, o que levou a que as pessoas passassem mais tempo na internet. O mesmo se verificou em Portugal, quando os/as jovens passaram vários meses em casa, tendo as redes sociais como única forma de comunicação e interação com outras pessoas. Segundo o estudo desenvolvido pelo projeto Social|HaterS, 67% dos/as jovens afirmaram que passaram mais tempo nas redes sociais durante a pandemia quando comparado com o período anterior à pandemia (Magalhães et al., 2022).

Esse aumento do tempo despendido na utilização das redes sociais pode ser considerado positivo para muitos/as jovens, sendo uma ferramenta facilitadora do suporte social entre pares e contribuindo para que os/as jovens passassem o tempo mais facilmente, não se sentissem sozinhos/as, e criassem e desenvolvessem atividades a partir das redes sociais. Alguns estudos suportam que a utilização das redes sociais se tornou mais prevalente na vida dos/as jovens, contribuindo para o bem-estar, uma vez que a interação com pares ajudou a enfrentar os períodos de confinamento (Cauberghe et al. 2021; Tkáčová et al. 2021).

Todavia, os confinamentos obrigatórios decorrentes da pandemia não foram o único problema existente na sociedade, uma vez que os problemas sociais no quotidiano das pessoas não desapareceram durante a pandemia, tendo inclusive alguns deles se evidenciando. Numa sociedade patriarcal e cisheteronormativa (as pessoas cis e heterossexuais são consideradas a norma), os preconceitos e discriminações são visíveis em todas as esferas da vida das pessoas.

As discriminações e preconceitos que muitas pessoas sofriam antes da pandemia não deixaram de existir. Pelo contrário, com o aumento do uso da internet e das redes sociais, e sendo estas o único meio de comunicação para o exterior, os ataques de ódio migraram quase exclusivamente para o mundo online.

Os discursos de ódio não foram uma consequência da pandemia. Os discursos de ódio já existiam no quotidiano da sociedade. O que a pandemia trouxe foi um aumento desses discursos de ódio nas plataformas digitais, tornando os discursos de ódio online uma problemática mais prevalente na vida das pessoas, inclusivamente na vida dos/as jovens. Nos últimos anos, as violências contra pessoas de grupos mais vulneráveis da sociedade têm aumentado e os movimentos políticos de extrema-direita têm vindo a ganhar lugar em vários países europeus, proliferando ideais radicais e extremistas, potenciando os crimes de ódio contra grupos sociais mais discriminados. Na última década, os discursos de ódio têm sido uma preocupação das Nações Unidas e União Europeia.

As Nações Unidas definem discursos de ódio como, “qualquer tipo de comunicação verbal, escrita ou comportamental, que ataque ou use linguagem pejorativa ou discriminatória em relação a uma pessoa ou grupo com base em quem são, ou seja, motivados pela sua religião, etnia, nacionalidade, raça, cor, descendência, gênero ou outro fator de identidade” (UN, 2020:8).


Em 2019 as Nações Unidas criaram um **Plano de Ação da ONU contra o Discurso de Ódio com os seguintes pilares:**

Mais discursos e comunicação, para travar os discursos de ódio

Combater o discurso de ódio é responsabilidade de todos/as - governo, sociedade, setor privado, meios de comunicação e cada pessoa individualmente

Numa era digital as Nações Unidas apoiam uma cidadania participativa e empoderada para reconhecer e rejeitar os discursos de ódio

Precisamos saber mais para podermos agir. É importante recolher dados, analisar estatísticas e ouvir as vítimas de discursos de ódio para melhor compreender o fenómeno



Em Portugal, a CIG - Comissão para a Cidadania e Igualdade define discursos de ódio como “difusão, incitação ou justificação pública, por qualquer meio (escrito, oral, audiovisual, etc.), do preconceito, da discriminação ou da violência contra uma pessoa ou grupo de pessoas em razão, nomeadamente, do sexo, orientação sexual, identidade e expressão de género, características sexuais, origem racial e étnica, nacionalidade, idade, deficiências e/ou religião”

(Glossário da CIG, sd)

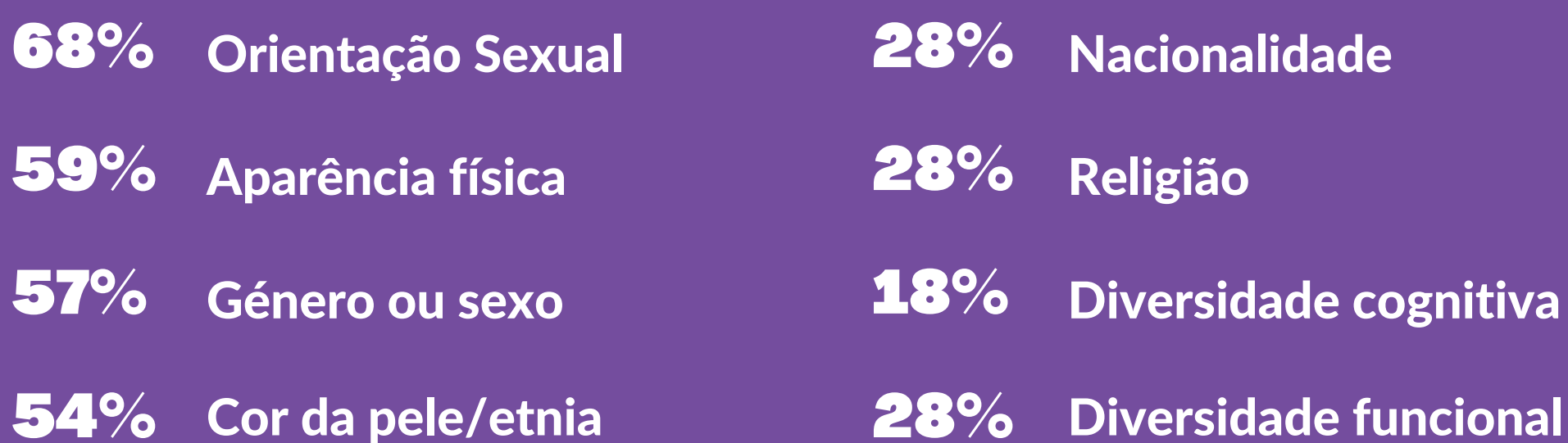
Por sua vez, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) mencionou que os discursos de ódio “têm vindo a ser definidos no sentido de assumir que o que fundamentalmente os caracteriza é a pertença (real ou percebida) da vítima a um determinado grupo social, e não a presença de ódio por parte do perpetrador” (APAV, 2018).

O aumento desta problemática durante a pandemia prendeu-se essencialmente com aspetos relacionados com a nacionalidade e etnia, uma vez que numa fase inicial da pandemia surgiu a ideia de que a COVID-19 havia sido causada por desleixo ou responsabilidade de alguns países. Todavia, os discursos de ódio não têm só cariz xenofóbico e racista.

A desigualdade entre homens e mulheres, potenciada pelos estereótipos de género que defendem um tipo de feminilidade e de masculinidade, também está presente nos discursos de ódio. Neste último, mulheres são vítimas de sexismo e machismo em todas as esferas da sua vida e também os homens que não correspondem ao padrão da masculinidade hegemónica sofrem de discriminação. Para além das questões de género é prevalente a existência de discursos de ódio relativamente à sexualidade, identidade de género e orientação sexual.

A existência de discursos de ódio deve-se sobretudo à relação existente entre a homofobia, transfobia e sexismo. Apesar das convenções internacionais, das estratégias nacionais e da existência de leis que visam a garantia da igualdade entre todas as pessoas, ainda existe na sociedade atual uma hierarquia social, em que “esta suposta hierarquia influencia as relações sociais, em que determinados grupos de pessoas acreditam ter mais poder sobre outros, traduzindo-se em manifestações em diversos contextos de hostilidades, preconceitos, discriminações, opressões devido à etnia/”raça” e/ou nacionalidade, entre outras características” (Magalhães et al., 2020: 152).

No estudo do projeto Social|HaterS, os/as participantes referiram que as maiores motivações para os discursos de ódio online entre os/as jovens são:



68% Orientação Sexual	28% Nacionalidade
59% Aparência física	28% Religião
57% Gênero ou sexo	18% Diversidade cognitiva
54% Cor da pele/etnia	28% Diversidade funcional

Dos/as jovens que participaram, 22% identificam ter sido alvo, pelo menos uma vez, de discursos de ódio nas redes sociais. Mais ainda, destes, 56% dos/as jovens mencionaram que esta violência ocorreu durante a pandemia.

Dos resultados deste questionário destaca-se também a existência de reiteração destes discursos, uma vez que 48% dos/as participantes referiram que este discurso aconteceu mais de uma vez. Alguns/as jovens identificaram, também, ter sido alvos de discursos de ódio relacionados com várias das suas características e grupos de pertença. Estes múltiplos discursos de ódio dirigidos a uma determinada pessoa, podem ocorrer devido a um preconceito específico, mas também devido a características individuais.

Neste sentido, é essencial considerar a problemática dos discursos de ódio através de uma perspetiva interseccional (Crenshaw, 1989). Este olhar permite-nos “analisar como as várias categorias (social e culturalmente construídas) interagem em diversos níveis para se manifestarem em termos de desigualdade social” (Nogueira, 2011:70).

02

Impacto e consequências dos discursos de ódio contra os/as jovens

Os discursos de ódio, como a maior parte das formas de violência, são a consequência de uma sociedade profundamente desigual e opressora. Para prevenir os discursos de ódio é necessário desconstruir estereótipos e preconceitos, combater todas as discriminações e opressões e, sobretudo, fomentar relações igualitárias baseadas no respeito pela outra pessoa. A plena liberdade de ser e estar só será alcançada para todas as pessoas do mundo, quando compreendermos que a diversidade é uma condição do ser humano.



Como toda a violência, os discursos de ódio têm diversas consequências nos vários contextos da vida de um/a jovem.



A nível individual, as consequências dos discursos de ódio online podem manifestar-se de diversas formas, nomeadamente através de consequências físicas, psicológicas, emotivas, cognitivas, afetivas e relacionais. Os/as jovens que recebem discursos de ódio podem experienciar medos ou incertezas sobre si mesmos/as, ataques de pânico, ansiedade, e sintomatologia psicológica diversa, que podem desencadear depressões severas. Considerando que estes ataques são geralmente dirigidos a características da identidade da pessoa, os discursos de ódio podem, também, provocar comportamentos de distanciamento e alterações de hábitos (ex. evitar determinados locais, pessoas, ou páginas online) e até alterações do seu aspeto físico (ex. querer alterar algum aspeto da sua aparência e tomar medidas drásticas para esse fim).

Os discursos de ódio podem, em determinadas circunstâncias, provocar sentimentos de rejeição em relação a determinadas características pessoais ou à sua pessoa e/ou identidade. As pessoas que sofrem discursos de ódio experienciam o mundo como mais hostil podendo levar a que desenvolvam sentimentos de insegurança permanente, privando-os/as de uma vida livre e plena.

Não obstante o dano direto ser maior para a pessoa que é alvo dos discursos de ódio online, há outras pessoas que são também vítimas deste ataque. Falamos de familiares e amigos/as das vítimas, que muitas vezes sofrem por sentirem que a pessoa foi lesada injustamente e está em angústia.

Os discursos de ódio, mesmo quando dirigidos apenas a uma pessoa, são também dirigidos a um grupo social (ou vários grupos sociais), e têm sempre consequências lesivas para a sociedade no geral. As pessoas e grupos sociais (ex. comunidade LGBTIAQP+) que não se identificam com os discursos de ódio experienciam sentimentos de raiva, injustiça e, frequentemente, sentimento de impotência em relação à situação e até à sua própria vida.

Além de sentirem empatia pela vítima, por vezes, estas comunidades podem sentir necessidade de retaliação ou medo de futuros ataques semelhantes. Tais sentimentos são exacerbados quando não há uma repressão aos agentes que proferem discursos de ódio. O sentimento de impunidade é uma consequência negativa para a sociedade uma vez que contribui para um descrédito na justiça.

Os discursos de ódio contribuem, também, para fomentar um clima de medo, experienciado pelas pessoas, comunidades e até sociedade em geral. Esta impunidade e sentimentos de medo podem ser contrariados por uma intervenção ativa de todos/as as pessoas contra os discursos de ódio.

De acordo como estudo realizado pelo Projeto Social|HaterS (2022), 54% dos/as jovens sentem-se seguros/as nas redes sociais, no entanto, 11% refere que nunca se sente seguro/a.



Dos/as jovens que mencionaram que sofreram discursos de ódio durante a pandemia, 45% afirmou nunca ter falado sobre essas situações com outras pessoas.



As razões mencionadas pelos/as participantes em não falarem com outras pessoas foram, nomeadamente, acharem que não vale a pena falar com outras pessoas porque é um assunto pessoal (31%), sentirem-se desconfortáveis em expor essa situação (25%), sentirem vergonha (21%) ou medo (9%) e terem medo que as pessoas não vão acreditar neles/as (7%).



Em relação a se sentirem tristes, desconfortáveis e/ou com medo, 48% mencionou que sentia-se assim às vezes, 20% já se sentiu assim pelo menos uma vez, 3% todos os meses, 2% todas as semanas e 3% todos os dias.

Quando sofri com estes ataques eu era muito nova e não tinha maturidade emocional para lidar com eles. Na altura, eles **influenciaram muito a forma como eu me via**, tanto psicologicamente como fisicamente, piorando a minha auto estima. **Foi nessa altura que tive os meus primeiros ataques de pânico e ansiedade**, os quais continuam até aos dias de hoje.

(Rapariga, 19 anos)*

Fizeram-me sentir que as pessoas desta sociedade não são boas, ou seja, **perdi fé na humanidade** porque, sinceramente, não compreendia e continuo sem entender como em pleno século XXI ainda há quem pense assim e o manifeste descaradamente. **Senti que não encaixava e que não podia ser eu própria sem ser julgada.**

(Rapariga, 21 anos)*

*Frases mencionadas pelos/as jovens que participaram do questionário do Projeto Social|HaterS quanto aos impactos desta forma de violência em suas vidas.

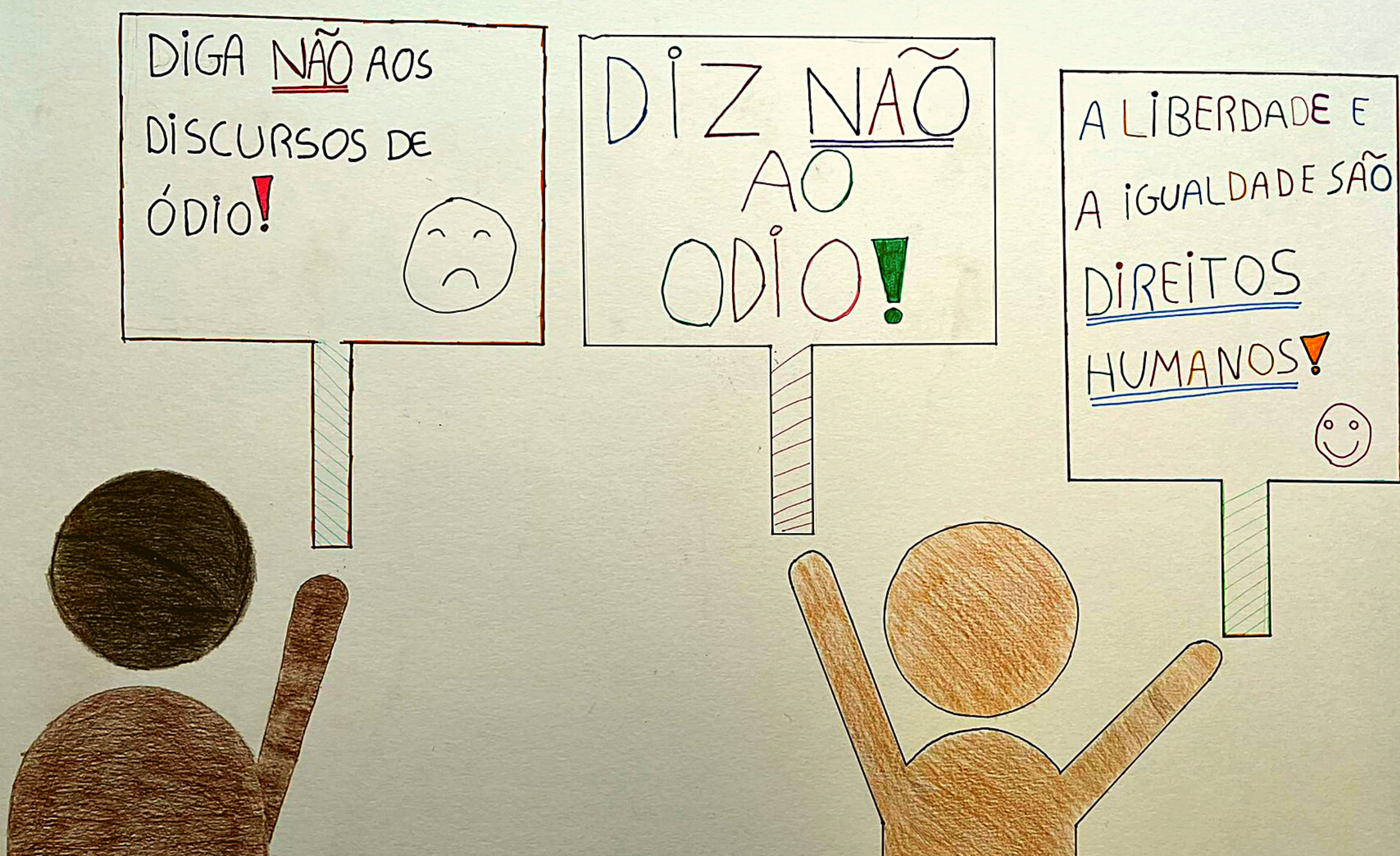


Imagem: Produto artístico realizado pelo 7ºA do Agrupamento Abel Salazar no ano letivo 2021/2022 no âmbito do projeto ART'THEMIS+ da UMAR

A escola é o contexto mais democrático da nossa sociedade e é o espaço onde os/as jovens passam mais tempo, convivem com os seus pares e desenvolvem aprendizagens. Assim, a escola torna-se um contexto privilegiado para aprendizagem de valores e para o desenvolvimento da cidadania dos/as alunos/as. Neste sentido, é necessário refletir com as crianças e jovens os problemas sociais da sociedade relacionando com as suas experiências, vivências e gostos, para que eles/elas possam desenvolver aprendizagens significativas e possam desenvolver um pensamento crítico sobre a importância da igualdade, da cidadania e dos Direitos Humanos.

Trabalhar o tema da violência com jovens é essencial para o desenvolvimento da sua cidadania, todavia, é necessário que os/as técnicos/as de educação compreendam a complexidade e a diferenciação dos vários tipos e formas de violência. Primeiramente, é imprescindível definir o conceito de violência e distingui-lo de outros conceitos que, muitas vezes, em contexto escolar são considerados o mesmo. Indisciplina e agressividade podem estar ligados ao conceito de violência, mas não são sinónimos. A violência necessita de uma intencionalidade, intenção de magoar, ferir, oprimir e humilhar a outra pessoa ou grupos de pessoas. Também pressupõe uma relação desigual de poder em que uma pessoa tem poder em relação a outra, esse poder pode ser percetivo pela pessoa que comete atos violentos, mas muitas vezes também é legitimado pela sociedade. É igualmente importante compreender que os vários tipos de violência são distintos entre si e que as suas dinâmicas, causas e formas podem, também, variar.

Para prevenir a violência entre jovens é necessário existir uma sequencialidade de temas para haver uma articulação e reflexão dos/as jovens sobre as causas da violência. Todos os temas abordados relacionados com o tema da violência devem ter uma perspetiva interseccional, uma vez que para prevenir a violência é essencial relacionar as múltiplas discriminações, opressões e preconceitos existentes na sociedade atualmente. É essencial compreender a história, refletir sobre o passado, entender os conceitos e a relação dos mesmos para criticar e questionar a violência estrutural presente na sociedade atual. Para além disso, é também necessário refletir sobre os múltiplos privilégios e como estes oprimem e dominam vários grupos sociais.

A violência, numa sociedade patriarcal, de classes e com base na colonialidade, assenta numa matriz de dominação de diversos grupos sociais e constitui-se como um fenómeno transversal aos vários contextos da vida

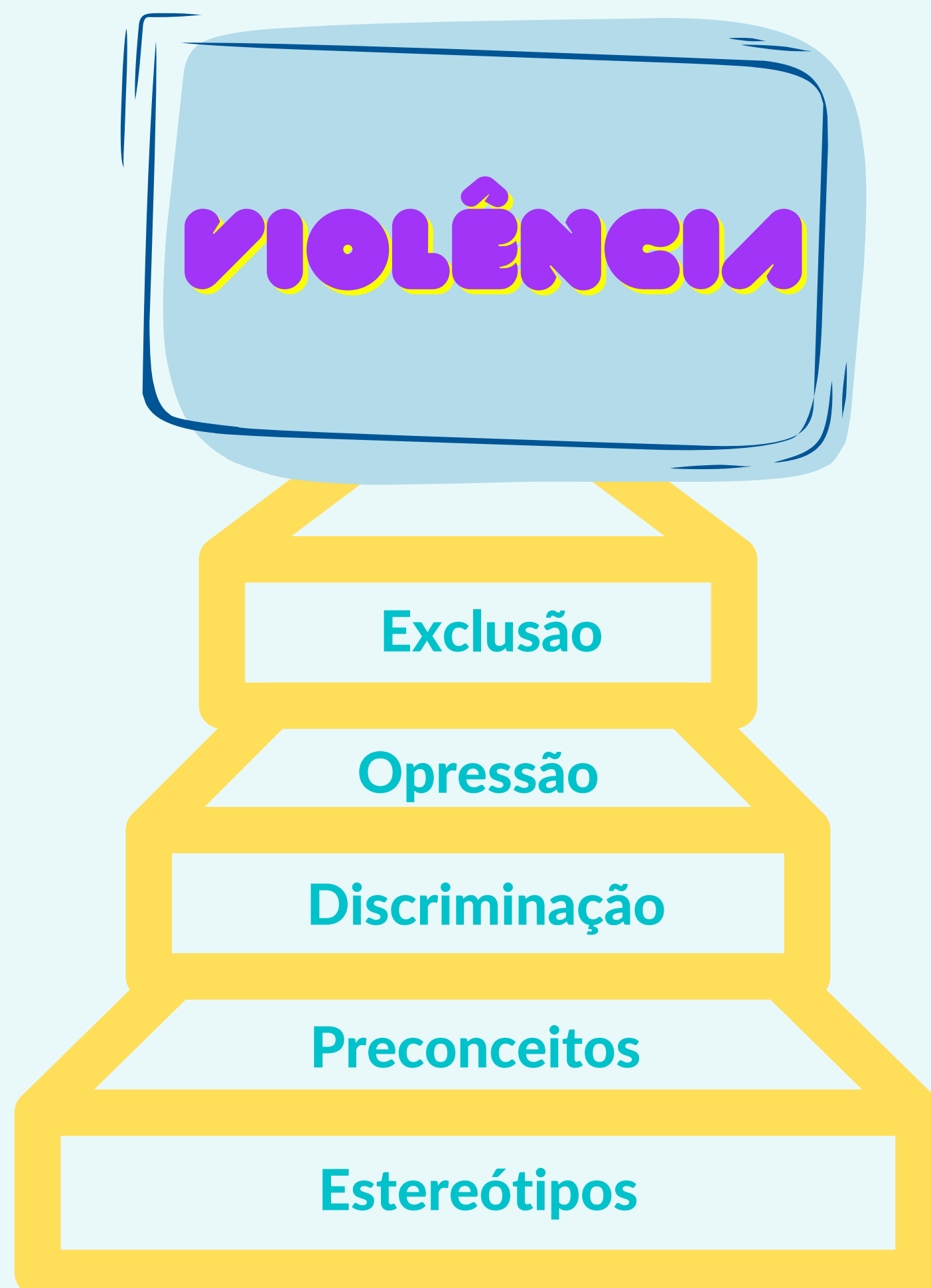
(Magalhães et al., 2020: 14)





Discursos de ódio online: interseccionalidade e Direitos Humanos

Os discursos de ódio online são uma forma de violência visível presente no dia a dia de pessoas pertencentes a grupos sociais discriminados e oprimidos. Não é possível refletir sobre a violência direta, sem se trabalhar a violência estrutural, cultural, institucional e simbólica. Importa referir que na prevenção dos discursos de ódio é crucial trabalhar temas como os Direitos Humanos, estereótipos, preconceitos, comunicação e respeito e refletir e definir conceitos relacionados com a violência pois estas temáticas são a base da construção de uma sociedade mais igualitária.



Na prevenção dos discursos de ódio online, é necessário definir objetivos gerais, devendo estes ser:

- conscientizar os/as jovens sobre os múltiplos privilégios e múltiplas discriminações presentes na sociedade;
- desconstruir estereótipos e preconceitos;
- refletir sobre as consequências de uma sociedade não igualitária;
- promover a mudança de valores, atitudes e comportamentos dos/as jovens;
- diminuir a prevalência, legitimação e aceitação de todas as formas de violência;
- promover conhecimento sobre como agir face a situações de violência;
- estimular a procura de ajuda especializada perante situações de violência motivada pelo ódio;
- promover o uso de plataformas sociais como ferramentas pedagógicas, mas também de respeito e empatia pelas outras pessoas.

Na sociedade atual estão presentes várias discriminações que têm na sua base uma violência estrutural e cultural. Neste sentido, devem ser trabalhadas com os/as jovens todas as formas de violência, discriminação e opressão, nomeadamente, homofobia, lesbofobia, bifobia, transfobia, sexismo, violência de género, racismo, xenofobia, classismo e capacitismo. Esta sequência de temas é essencial para se compreender os múltiplos privilégios e as múltiplas discriminações. A reflexão e consciencialização destas múltiplas discriminações é importante e necessária para a luta por uma sociedade mais igualitária.

O ser humano numa perspetiva interseccional



Assim, os/as jovens precisam de relacionar as desigualdades com a violência e compreender que as pessoas não têm as mesmas oportunidades e direitos, o que torna alguns grupos sociais privilegiados em relação a outros.

A prevenção de qualquer forma de violência necessita de uma ação pedagógica empoderadora que questione não só as formas de discriminação e de violência, mas também os múltiplos privilégios existentes na sociedade. Esse questionamento crítico deve ser sobre a sociedade, as políticas e as leis, mas também deve ser um posicionamento face a comportamentos e atitudes que o/a jovem tem no seu dia a dia nas suas relações sociais (Magalhães et.al, 2020; Magalhães et. al., 2016 & Magalhães et al, 2007).

Para a prevenção da violência e especificamente para a prevenção de discursos de ódio online, enumeramos dez princípios éticos e pedagógicos fundamentais.

- 1. A intervenção pedagógica deve ser a partir da realidade dos/as jovens** - suas experiências, vivências, conhecimentos, valores, concepções e atitudes;
- 2. A intervenção deve promover uma aprendizagem significativa** - A desconstrução dos valores e concepções dos/as jovens só acontece quando estes/as desenvolvem aprendizagens significativas. O conhecimento é essencial, mas esse conhecimento necessita estar relacionado com as realidades dos/as alunos/as;
- 3. As metodologias pedagógicas têm que ser reflexivas e participativas** - os/as alunos/as devem ser os/as protagonistas da sua aprendizagem e mudança;
- 4. Os/as jovens necessitam de tempo e espaço para a sua mudança** - a mudança pessoal e coletiva só acontece se os/as alunos/as sentirem-se confortáveis e seguros/as para exprimirem os seus valores, receios, dúvidas e vivências;
- 5. A aprendizagem de conteúdos necessita de reflexão em situações práticas** - é essencial desenvolver ferramentas pedagógicas criativas e promover a reflexão e momentos para que o/as jovens tenham oportunidade de aplicar o conhecimento em situações do dia a dia;
- 6. A intervenção deve considerar a necessária adaptação e cuidado na linguagem** - a linguagem é um exemplo de violência simbólica e a base da prevenção da violência está na maneira como expomos as nossas ideias e opiniões;
- 7. As sessões e atividades devem ser adaptadas ao desenvolvimento dos/as alunos/as** - compreender as idades, a realidade dos/as jovens, as relações sociais do grupo, os seus gostos, entre outros, para adaptar a intervenção pedagógica;
- 8. Compreender que o processo de aprendizagem é diferente de pessoa para pessoa** - os/as jovens têm ritmos de aprendizagens diferentes e personalidades e comportamentos distintos e é necessário respeitar essa diversidade no processo de aprendizagem;
- 9. A internet, as plataformas de streaming, as plataformas digitais e as redes sociais devem ser pensadas como ferramentas pedagógicas** - usar as plataformas que os/as jovens utilizam e gostam para se criar uma ligação da prevenção dos discursos de ódio com o que os/as alunos/as utilizam no seu dia a dia;
- 10. A prevenção e sensibilização são duas intervenções pedagógicas distintas** - a prevenção tem como objetivo consciencializar e desconstruir individual e coletivamente, por isso é necessário tempo para essa consciencialização e reflexão.

A prevenção da violência, como todo o processo educativo, é complexo. Não podemos prevenir a violência e neste caso, os discursos de ódio sem se estar preparado/a para possíveis situações de vitimação. Como defende Magalhães et al.; "Ao intervir num contexto tão complexo e diversificado como é o contexto escolar, numa intervenção tendo como participantes crianças, jovens e potenciais vítimas e perpetradores/as de violência é efetivamente necessário existirem princípios éticos de atuação" (2016: 51).

Mediante a partilha de uma situação de vitimação de um/a jovem o/a técnico/a educativo/a deve acautelar:



Para além da informação supramencionada, cabe ao/à técnico/a educativo/a informar a vítima que:

Violência é crime

A criança ou o/a jovem não tem culpa de nada

As vítimas merecem e precisam de ajuda

O/A agressor/a não pode exercer nenhum tipo de violência para com nenhum membro da família

O comportamento do/a agressor/a é errado, mas não se deve diabolizar a pessoa agressora

Perante sinalização de situações violentas, a criança ou jovem deve ser encaminhado/a para os serviços competentes. Abaixo destacam-se alguns contactos de serviços de apoio e informação que podem ser úteis a pessoas que sejam alvo de discursos de ódio.

Recursos

06

Centro EIR - Emancipação, Igualdade e Recuperação para vítimas de violência sexual (+351) 220 933 787 ou 914 736 078
eir.centro@gmail.com

UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta (+351) 218 873 005
umar.sede@sapo.pt - <http://www.umarfeminismos.org/>

CAM - Centro de Atendimento Mulher da UMAR (+351) 212 942 198
umar.almada@sapo.pt

P'RA TI - Centro de Atendimento e Acompanhamento a Mulheres Vítimas de Violência - UMAR (+351) 222 025 048 ou 910 504 600
umarprati@gmail.com

AMPLOS - Associação de mães e pais pela liberdade de orientação sexual (+351) 918 820 06 amplos.bo@gmail.com - www.amplos.pt

APAV - Linha Internet Segura - 800 219 090
https://apav.pt/apav_v3/index.php/pt/

Associação ILGA Portugal - intervenção lésbica, gay, bissexual e transgénero (+351) 918 052 088 ilga-portugal@ilga.org - www.ilga-portugal.pt

Associação OPUS GAY
(+351) 918 052 088
geral@opusgay.org - www.opusgay.org

Associação Para o Planeamento da Família (+351) 21 385 39 93
apfsede@apf.p - <http://www.apf.pt/>

Associação Plano i para a Igualdade e Inclusão -
direcao@associacaoplanoi.org, <https://www.associacaoplanoi.org/>

Centro GIS - Centro de Respostas às Populações LGBTI, (+351) 966 090 117
gis@associacaoplanoi.org - [https://www.facebook.com /CentroGis/](https://www.facebook.com/CentroGis/)
Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (+351) 217 983 000
cig@cig.gov.pt

Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial
(+351) 218 106 100 - cicdr@acm.gov.pt

Clube SAFO
geralclubesafo@gmail.com - <https://clubesafo.pt/>

Gabinete de apoio à vítima - CASA QUI Juventude lésbica, gay, bissexual,
trans ou intersexo (LGBTI)
(+351) 96 008 11 11
geral@casa-qui.pt - www.casa-qui.pt

It Gets Better Portugal (+351) 911 120 199
geral@tudovaimelhorar.org - <https://itgetsbetter.pt/>

Movimento Contra o Discurso de Ódio, Instituto Português do Desporto e
Juventude, I.P.
(+351) 210 470 000
geral@ipdj.pt - <http://www.odionao.com.pt/>

Observatório Nacional do Bullying (Plano i)
observatoriobullying@associacaoplanoi.org

Rede EX AEQUO - Associação de jovens lésbicas, gays, bissexuais,
transgénero e simpatizantes - (+351) 968 781 841
geral@rea.pt - www.rea.pt

SOS Racismo - sosracismo@gmail.com, <https://www.sosracismo.pt/>

TransMissão: Associação Trans e Não-Binária,
transmissao.associacao@gmail.com <https://transmissao.pt>

Referências bibliográficas

APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2018). Manual Ódio Nunca Mais - Apoio a vítimas de crime de ódio. Disponível em: https://apav.pt/publiproj/images/yootheme/PDF/Hate_No_More_Procedures_Handbook_PT.pdf. Acesso em 16 de maio de 2022.

Cauberghe, V., Van Wesenbeeck, I., De Jans, S., Hudders, L., & Ponnet, K. (2021). How adolescents use social media to cope with feelings of loneliness and anxiety during COVID-19 lockdown. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 24(4), 250-257.

CIG (sd). Glossário da CIG. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/area-lgbti/glossario/>. Acesso em 16 de maio de 2022.

Eurostat (2019). Being young in Europe today. Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Being_young_in_Europe_today_-_digital_world#A_digital_age_divide. Acesso em 16 de maio de 2022.

Magalhães, Maria José; Canotilho, Ana Paula & Brasil, Elisabete (2007). Gostar de mim. Gostar de ti. UMAR

Magalhães, Maria José; Iglesias, Camila; Pontedeira, Cátia; Pacheco, Margarida & Cruz (2022). Hate speech during covid 19: prevalence, dynamics and patterns among young people. Project Social|HaterS. Disponível em: <http://socialhaters.umarfeminismos.org/publicacoes/>. Acesso em 24 de maio de 2022.

Magalhães, Maria José; Pacheco, Margarida; Maia, Margarida; Dias, Ana Teresa; Iglesias, Camila; Beires, Ana; Mendes, Tatiana; Pontedeira, Cátia & Wiedmann Alícia (2020). Violências e violência de género: Prevenção Primária na Escola. UMAR.

Magalhães, Maria José Magalhães; Teixeira, Ana Margarida; Dias, Ana Teresa; Cordeiro, Joana; Silva, Micaela & Mendes, Tatiana (2016). Prevenir a violência. Construir a igualdade. UMAR.

Tkáčová, H., Pavlíková, M., Jenisová, Z., Maturkanič, P., & Králik, R. (2021). Social media and students' wellbeing: An empirical analysis during the covid-19 pandemic. *Sustainability*, 13(18), 10442.

UN (2019). United Nations strategy and plan of action on hate speech. Disponível em: https://www.un.org/en/genocideprevention/documents/advising-and-mobilizing/Action_plan_on_hate_speech_EN.pdf. Acesso em 16 de maio de 2022.

We Are Social & Hootsuite (2022). Digital 2022 - Global overview report. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2022/01/digital-2022-another-year-of-bumper-growth-2/>. Acesso em 16 de maio de 2022.

Projeto



SOCIAL HATERS



<http://socialhaters.umarfeminismos.org/>



haters.umar@gmail.com



[@socialhaters_umar](https://www.instagram.com/socialhaters_umar)



Financiamento



Entidades parceiras

